

SAÚDE MENTAL E VIDA UNIVERSITÁRIA: CONHECER E ATIVAR REDES

MENTAL HEALTH AND UNIVERSITY LIFE: KNOWING AND ENABLING NETWORKS

Yara Aparecida de Paula **1**
Beatriz Venancia Dias **2**
Maria Inês Badaró Moreira **3**

Resumo: Este artigo relata a experiência de enfrentamento de demandas de apoio ao estudante universitário em uma instituição federal de ensino. O objetivo é destacar e promover reflexão acerca de como os envolvidos buscaram construir estratégias e novas relações com o espaço universitário, com o território da cidade e com as redes de apoio e acolhimento. Como método, utiliza o relato de experiências, apresentando o plano de trabalho desenvolvido pela equipe do Núcleo de Apoio ao Estudante durante o período de 2017-2018, diante do refluxo nacional no plano de permanência estudantil. Revela as ações realizadas, as concepções que as sustentaram e os aspectos prospectivos. Conclui que essa experiência de articulação de ações contou com a participação de todos os envolvidos e foi um marco para a transformação da concepção de cuidado e integralidade do cuidado e do sentido de um trabalho multiprofissional no acolhimento ao estudante.

Palavras-chave: Ensino Superior. Estudante Universitário. Programa de Apoio ao Estudante.

Abstract: This article reports the experience of facing university student support demands in a federal academic institution. We aim highlight and promote reflection on how those involved sought to build strategies and new relationships with the university space, with the city's territory and with the support and reception networks. It uses the report of experiences as method, presenting the work plan developed by the Student Support Center team during the period 2017-2018, in the face of the national reflux in the student permanence plan. It reveals the actions taken, the concepts that supported them and the prospective aspects. It concludes that this experience of articulating actions had the participation of all those involved and was a milestone for the transformation of the concept of care and integrality of care and the meaning of a multiprofessional work in welcoming the student.

Keywords: University Education. University Student. Student Support Program.

- 1** Doutora em Ciências da Saúde pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências da Saúde da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Pedagoga. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9105339601399785>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1957-670X> E-mail: yara.paula@unifesp.br
- 2** Mestranda do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências da Saúde da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Especialista em Saúde Mental e Atenção Psicossocial pela Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca (ENSP/FIOCRUZ). Psicóloga. Lattes: lattes.cnpq.br/4046567134780890 ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0151-4663> E-mail: beatriz.venancia@unifesp.br
- 3** Psicóloga. Professora Associada na Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Credenciada no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências da Saúde. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1186084305231587> ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5798-2023> E-mail: maria.ines@unifesp.br

Núcleo de Apoio ao Estudante: contexto e primeiras imagens

O ensino superior no Brasil viveu intensa transformação no início dos anos 2000. Nessa época, vivia-se no Brasil um movimento de expansão das Instituições Federais de Ensino Superior (IFES). Em 2003, no Governo do presidente Luís Inácio Lula da Silva, surge um primeiro movimento de ampliação do ensino superior público brasileiro, iniciativa essa que visava atender às metas do Plano Nacional de Educação (PNE). A interiorização foi uma das principais diretrizes norteadoras no mapa de crescimento das universidades e teve como foco responder às necessidades e vocações econômicas de diferentes regiões do país.

A Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) está inserida nesse contexto, tendo como sua primeira interiorização um curso sequencial para atendimento à rede de saúde da Baixada Santista na cidade de Santos/SP, no ano de 2004. Em 2006, a Unifesp Campus Baixada Santista (Unifesp/BS) iniciou as suas atividades na graduação com a implementação de cinco cursos de graduação: Educação Física, Fisioterapia, Nutrição, Psicologia e Terapia Ocupacional. A partir de 2007, com a criação do Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais – REUNI – (BRASIL, 2007), a unidade iniciou outros dois novos cursos – Serviço Social (início das atividades em 2009) e Bacharelado em Ciências do Mar (início em 2012).

A expansão das IFES levou a um aumento no número de vagas no ensino superior brasileiro, o que gerou uma mudança no perfil do aluno das universidades. Essas mudanças se efetivaram frente à pressão da sociedade civil que, após anos de invisibilidade e exclusão, requisitou o espaço universitário público para o cidadão brasileiro, sem exceção. Em paralelo a essa expansão, foram criadas políticas afirmativas que previam a inclusão de novos perfis de aluno - negros, indígenas e estudantes oriundos de escolas públicas - e a assistência a esse alunado passou a requerida à instituições universitárias.

No âmbito político institucional, as ações de assistência estudantil ganharam efetividade a partir da criação de decretos e leis federais, como o Plano Nacional de Assistência Estudantil (PNAE) instituído, inicialmente, pela Portaria Normativa nº 39 de 12/12/2007 e depois ampliado pelo Decreto 7.234 de 19/7/2010 e também a Lei 12.711/8/12, conhecida como a nova Lei de Cotas. O PNAE tem como finalidade ampliar as condições para a permanência dos estudantes de graduação, sendo estabelecido o desenvolvimento de ações em áreas como: moradia estudantil; alimentação; transporte; atenção à saúde; inclusão digital; cultura; esporte; creche; apoio pedagógico; acesso, participação e aprendizagem de estudantes com deficiência; transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades e superdotação. A Lei 12.711/8/12 prevê a ampliação de vagas no regime de cotas, conforme apresentado no seu artigo 1º:

[...] as instituições federais de educação superior vinculadas ao Ministério da Educação reservarão, em cada concurso seletivo para ingresso nos cursos de graduação, por curso e turno, no mínimo 50% (cinquenta por cento) de suas vagas para estudantes que tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas (BRASIL, 2012).

Tais medidas foram importantes e historicamente necessárias, pois buscaram regulamentar que o espaço universitário deve comportar a população de brasileiros advindos de diferentes camadas e experiências sociais. Entretanto, para a realidade das universidades, essas mudanças demandaram muitas adequações tanto nos aspectos estruturais quanto na lógica do que se pensava sobre o que é ser uma universidade pública no Brasil, no século XXI. Assim, a Unifesp, em 2006, iniciou a política interna de abertura de cotas para negros e indígenas a partir de decisões aprovadas no Conselho Universitário (CONSU). Em 2010, criou a Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE) com a finalidade de: 1) planejar, propor e executar as políticas de ações afirmativas, de acesso, de permanência, de saúde, esportivas, culturais e de formação complementar dirigidas aos estudantes de graduação, pós-graduação *stricto sensu* e residência da universidade; 2) executar as atividades de assistência e promoção social, dirigidas a todos os estudantes da universidade; 3) executar as deliberações do Conselho de Assuntos Estudantis (UNIFESP, 2014a).

Para operacionalizar localmente as ações e as demandas estudantis, a PRAE criou os

Núcleos de Apoio aos Estudantes sob gestão híbrida com a direção, em cada *campus*. Os NAEs são compostos por equipe formada por técnicos educacionais de diferentes profissões a partir do desenho e plano de ação dos *campi*, podendo contar com assistente social, enfermeiro, médico, pedagogo, psicólogo e um coordenador de equipe. Nos *campi*, as equipes trabalham em parcerias a partir das demandas específicas. De acordo com o regimento dos NAEs, no seu artigo 8º, as equipes têm como atribuições:

I - Executar as políticas de assistência da PRAE nos *Campi* de forma a propiciar condições para a permanência estudantil e demais demandas da sociabilidade estudantil;

V - Envolver as redes de suportes coletivos (esportivos, culturais, educacionais, de saúde etc.) intra e extra universidade como forma de potencializar a autonomia do estudante em seu processo acadêmico (UNIFESP, 2014b).

Nessa perspectiva, a atuação dos núcleos volta-se para o acolhimento e apoio aos estudantes desde o ingresso até a conclusão. O NAE da Baixada Santista (NAE/BS) foi criado em 2006, inicialmente com a atuação de uma pedagoga e ampliado em 2010 com a contratação de quatro novos técnicos: assistente social, enfermeira, médico e psicólogo.

A partir de 2013, as equipes puderam contar também com a participação de estudantes dos diferentes cursos como colaboradores pelo programa Bolsa de Iniciação à Gestão (BIG). Com isso, foi possível inserir o olhar do estudante junto ao trabalho.

Em 2017, a equipe deixou de contar com a presença de um psicólogo. Nesse momento teve início um novo modelo de gestão, quando se fizeram necessárias reflexões acerca do próprio trabalho e sobre o sentido de “apoio ao estudante”. Tornava-se fundamental que o espaço delimitado para as ações da equipe fosse ultrapassado, expandido tanto dentro quanto fora do espaço da universidade, a partir do envolvimento de redes de suporte já existentes. A equipe teve vários coordenadores sendo submetido a diferentes formas de gestão, acrescenta-se a isso, diferentes e contínuas necessidades de adaptação que resultaram em tensões internas. A nova proposta levou os profissionais a uma revisão premente.

Este artigo apresenta um recorte temporal das ações implantadas no NAE/BS na gestão realizada durante o biênio 2017-2018 e aponta as reflexões possíveis sobre o plano de trabalho desenvolvido pela equipe durante esse período. O manuscrito surge a partir de inquietações e oportunidades surgidas em um contexto de criação e ajustes nas ações grupo em que se evidenciam os impactos gerados pelas mudanças de proposta de trabalho. Assim, buscar-se-á sob novas perspectivas concepções sobre a assistência estudantil para além das bolsas permanência, assistência médica e orientação pedagógica, para olhar a integralidade da saúde dos estudantes e a complexidade das dimensões vividas trazendo à luz o trabalho do NAE/BS e, a partir da articulação dessas dimensões, construir ações voltadas para o apoio ao estudante. O objetivo deste artigo, é destacar, por meio de um relato de experiências, como os envolvidos buscaram construir estratégias de novas relações com o espaço universitário, com o território da cidade e também com as redes de apoio e acolhimento possíveis.

Sobre o sentido da palavra “apoio”

A Unifesp/BS é conhecida por seu protagonismo como espaço de formação para o trabalho em saúde. Assim, ancoramos o significado de “apoio” na aproximação dos aspectos fundantes do sentido de “cuidado”. Desse modo, associado à área da saúde e ao tipo de encontro relacional e dialógico que se constrói nesse campo, buscou-se essa definição em Merhy (2004) que aponta para a necessidade de se estabelecer um espaço de produção de cuidado a partir do qual poderão ser atingidos os objetivos que o sujeito deseja alcançar. Ao resgatar essa definição para as ações dos NAEs, entende-se que as atividades dos técnicos frente às demandas dos estudantes também se relacionam à produção de cuidados.

E como núcleo cuidador busca-se, a partir da análise e da atuação multiprofissional, entender

a questão posta pelo aluno em suas múltiplas dimensões. Desse modo, além de centrar esforços na dinâmica da vida dos estudantes em si, ainda são considerados os aspectos institucionais que entrelaçam tal relação e a influência do contexto social expressa nessa demanda. Nessa perspectiva, o acolhimento ao estudante passa necessariamente pela produção de cuidados como uma função de todos os trabalhadores do núcleo. O papel do NAE é acolher o estudante, apoiá-lo nos diferentes momentos do percurso formativo, contribuir para a sua permanência e melhorar a sociabilidade refletindo, assim, na redução da evasão.

Nesse caso, vemos que o núcleo cuidador é o que deverá se impor, o que favorecerá, inclusive, a diminuição das relações de dominação que se estabelecem entre os vários profissionais, como representantes de certos interesses e modos de operá-los no interior dos modelos de atenção. E, mais ainda, pode-se abrir, a partir desse núcleo em comum, o cuidador, um espaço semelhante e equivalente de trabalho na equipe, que explore a cooperação entre os diferentes saberes e o partilhamento decisório (MERHY, 2004, p.120).

Na direção descrita pelo autor tornou-se fundamental que a equipe buscasse se alinhar ao sentido de “apoio” para que, a partir dessa compreensão, pudesse lidar com os limites e as possibilidades de atuação junto aos estudantes. Com esse movimento procurou-se buscar uma forma coletiva e colaboração ao traçar ações instituintes. Importante apontar que os NAEs têm a sua força na equipe. O trabalho de cada um é fundamental, mas se solidifica pela ação coletiva, de confiança mútua, especialmente quando se consegue estabelecer relações de trocas cooperativas, de apoio e de cuidado entre membros.

O apoio envolve o cuidado para a escuta que se efetiva no encontro entre pessoas. Nessa etapa se opera um jogo de expectativas e de produções em que são criados, intersubjetivamente, momentos interessantes de falas, escutas e interpretações, uma acolhida ou não das intenções que são colocadas. São criadas também situações de cumplicidade em que há uma responsabilização em torno do problema que vai ser enfrentado, bem como espaços de confiança e esperança, nos quais se produzem relações de vínculo e aceitação (MERHY, 2004).

O ingresso na vida universitária é um marco importante para os estudantes e essa experiência exige certo grau de adaptação à realidade acadêmica. Para alguns, esse processo parece se dar com algum esforço, mas de forma relativamente tranquila; para outros, no entanto, essa vivência pode representar um grande desafio, exigindo níveis diferentes de apoio para se atingir os objetivos iniciais. A realidade vem demonstrando que alguns estudantes têm um grupo de apoio reduzido enquanto outros contam somente com poucos amigos necessitando de ajuda significativa da instituição de ensino.

Um estudante que procura o núcleo vem movido pela necessidade de ser ouvido por várias razões: porque tem dúvida; pela vontade de contribuir com sugestões ou para trazer demandas relativas ao núcleo, ao curso ou à instituição. Na maioria das vezes, esses aspectos são percebidos como uma questão pessoal outras vezes vem acompanhada de sofrimento frente ao fato de o sujeito avaliar não conseguir contornar a dúvida/dor com os próprios recursos. Foi a partir dessa reflexão que a equipe do NAE/BS buscou apoiar a interpretação do contexto destacado pelo aluno como sofrimento fazendo uma leitura da complexidade do sofrer. Para isso, buscou-se a compreensão de sofrimento como uma vivência complexa e que ocorre em qualquer esfera da vida, independente do papel social, identificação de grupo, relação que estabelece consigo mesmo, corpo ou família, ou em situações que ultrapassam o pessoal (CASSELL, 1982). A partir desse referencial foi possível dirigir o olhar para a complexidade da vida estudantil, para além das queixas dos estudantes e refletir também sobre o contexto em que se encontram inseridos, uma vez que durante a etapa de formação universitária os alunos são expostos a diferentes situações que podem lhes gerar diferentes formas de sofrimento.

Leão, Ianni e Goto (2019), ao analisarem questões que envolvem a realidade dos universitários, destacam que além das questões percebidas unicamente como individuais e singulares (história pessoal, diagnósticos médicos dentre outros), o sofrimento no ambiente universitário abrange outras dimensões socioestruturais, coletivas e institucionais. Por dimensões socioestruturais e

econômicas os autores entendem como sendo as mudanças das condições objetivas de vida e de consciência. Consideram como questões coletivas as relacionadas a opressões ou violências específicas de determinados grupos (renda e escolaridade, gênero, raça e sexualidade, pessoas com deficiência e assim por diante). E as questões institucionais de contexto universitário, elencam produtivismo acadêmico, jornada de trabalho, assédios, dentre outros aspectos imbricados nas experiências vividas pelos estudantes no formato de vivências individuais e coletivas. Esse quadro de queixas apresentados elucidam diferentes comportamentos que compõem as dimensões do sofrimento vivido pelos estudantes.

E de fato, essas dimensões, dentre tantas outras, engendram a constituição subjetiva do indivíduo em contínua transformação em um ambiente relacional. Assim, lidar com um quadro variado de queixas e com as suas implicações representa o trabalho cotidiano dos NAEs. Em um estudo realizado por Souza e Costa (2019), no mesmo ambiente acadêmico destacam-se oportunidades ofertadas pela universidade, que muitas vezes, são vivenciadas como sofrimento em função de uma rigidez de pensar advinda de situações anteriores em que não era necessário tomar decisões sobre o cotidiano e seus reflexos no futuro.

Foi importante para a equipe repensar a concepção de seu trabalho e que nele não cabe apenas o preenchimento de formulários e registros institucionais, respondendo, assim, aos protocolos estabelecidos. O processo de cuidar ultrapassa o registro e por ele é possível constituir memórias, traçar caminhos, refletir sobre as opções feitas e transformar ações. Como aponta Kinker (2016, p. 419): “esse fluir de transformações pode se utilizar, contudo, de mecanismos de registro-memória, projetualidades que se transformam ao caminhar num processo coletivo de metamorfose”.

Pela compreensão de tais concepções e objetivos, a equipe pôde se abrir para uma nova proposta caracterizada por certo desvio da rota anteriormente adotada, já conhecida, para um novo modelo de trabalho que buscava novos tipos de repostas para os questionamentos dos estudantes. De uma atitude de saídas prontas e rápidas para todas as situações vividas, ressignifica-se, agora, o sentido de “apoio” a partir da escuta, da compreensão das demandas e do cuidado com o sujeito.

Relato da experiência e dos processos de intervenção

Por opção metodológica, o relato será apresentado em passos, assumindo um modelo didático de apresentação das ações. Destaca-se, porém, que na maioria das vezes, as ações foram realizadas de forma simultânea e articuladas a outras práticas envolvendo todos no processo.

Primeiro passo: Desnaturalizando o lugar do NAE e entendendo o sentido de “apoio”

No início dos trabalhos sob a nova coordenação, observou-se que a equipe trazia um histórico das mudanças de gestores e que nesse percurso foram criados distanciamentos entre os membros e também da equipe com as outras instâncias acadêmicas do *campus*. As decisões eram tomadas, na maioria das vezes, sem a participação de outros profissionais envolvidos na situação. Assim, sobrepunham-se encaminhamentos com respostas imediatas de aberturas de processos e que eram enviados para instâncias superiores sem o conhecimento da coordenação ou dos envolvidos. E, as questões dos estudantes eram confundidas com denúncias contra outros servidores, advindas de uma escuta simplista, produzindo processos com o conhecimento das partes envolvidas a *posteriori*.

Por um lado, a simplificação da escuta do estudante também levou a equipe a se sentir desvalorizada em seu envolvimento com a resolução do problema. À primeira vista, excesso de ações protocolares não refletia a potência de cada um dos componentes da equipe do NAE. E sentiam-se invisibilizados pelos outros trabalhadores no *campus*. De modo geral, o efeito era de fragmentação das ações, distanciamento das demais instâncias e também entre os próprios trabalhadores era comum ouvir relatos de adoecimentos e consequentes afastamentos. Havia

muitas queixas e mal-entendidos.

Inicialmente foi necessário estabelecer formas de cuidado com a própria equipe para que, a partir de suas próprias queixas, se chegasse à compreensão do problema que se apresentava. Buscou-se compreender os sujeitos envolvidos através do trabalho que realizavam. Todos foram convidados a responder questões relativas a: “o que faço?”; “como faço?”; “para que faço?”; “quem está envolvido no trabalho que faço?”; “compreendo as demandas dos estudantes?”; “como as trato?”; “que implicações estão envolvidas nas minhas/nossas decisões?”.

Optou-se por criar um fluxo de reuniões com dia e horário favoráveis a todos. Essa dinâmica foi comunicada em vários canais de comunicação do *campus*. A relatoria desses encontros passou a ser socializada para a equipe. Desse modo, novas camadas de reflexões foram aparecendo e alternativas de busca por soluções que emergiam a cada análise.

Em continuidade, optou-se pelo destaque nas reais demandas dos estudantes. Privilegiou-se a discussão dos casos e relatos das ações a serem operacionalizadas para cada um. Com isso, criou-se um modo de trabalho em que as decisões passaram a ser de corresponsabilidade da equipe, ainda que apenas um dos trabalhadores estivesse à frente da condução do problema e em contato com o estudante.

Notava-se que havia dúvidas quanto ao significado de “apoio aos estudantes”. Pairava uma compreensão de que a queixa apresentada seria resolvida de forma rápida, desconsiderando-se na maioria das vezes, que uma demanda continha implicações individuais, coletivas e institucionais que mereciam ser consideradas. Apoiar os alunos estava associado a encaminhar a queixa para ser resolvida em instâncias superiores ao *campus*, sem um alargamento da visão da situação envolvida.

Buscando-se abandonar a perspectiva racionalista de problema-solução, simplificadora da vida humana e retomando o contexto e a existência dos alunos, a partir da rede de complexidades que se efetivam na vida concreta, pareceu importante indagar: “como transformar o sofrimento do estudante sem perseguir a solução-cura”? Tinha-se, com isso, a intenção de entender o sofrimento tratando-o como uma complexa experiência humana que necessitava ser abordada por uma rede de ações, uma vez que o mesmo está engendrado no corpo social, tal como proposto por Basaglia (1985).

Por se tratar de uma experiência dinâmica, em paralelo às reflexões iniciaram-se as discussões e o aprendizado sobre qual seria o papel do NAE em uma instituição de ensino superior e qual a importância do cuidado de todos os envolvidos e de cada um, enquanto profissional, em uma determinada demanda, independentemente do cargo e da posição hierárquica ocupada. Docentes, estudantes e técnicos foram ouvidos nas reuniões da equipe. Com essa iniciativa, o grupo foi aprendendo que o cuidado era necessário e deveria ser dispensado a todos, incluindo o cuidado mútuo entre a própria equipe. O tempo para a apresentação de possíveis saídas dos casos estudados passou a ser definido pelo desenrolar das conversas e análises da situação buscando-se uma composição ampliada com outros protagonistas. O modelo de funcionamento deslocou-se da pressa e do imediatismo em apresentar “solução” de um problema para a busca pela compreensão das falas, dos contextos. E que as dimensões da vida dos estudantes estavam em jogo e não apenas uma demanda a ser resolvida.

O interessante é que esse aprendizado coletivo possibilitou à equipe se ver inserida no processo como sujeito e profissional, bem como exercitar o cuidado mútuo. Enquanto cuidava dos colegas também estava sendo cuidado. As decisões saíam da personalidade para assumir um caráter coletivo, de grupo.

Segundo passo: Construir estratégias

As ações implantadas colheram resultados desde o início, uma vez que se criou um esquema de comunicação para as reuniões realizadas pela equipe e dos deslocamentos dos técnicos, que se faziam necessários. A equipe, ao compartilhar os acolhimentos, as discussões de casos e ao construir estratégias em corresponsabilidade, conseguia estar mais próxima e a acolhida entre os pares tornou-se fundamental. O trabalho colaborativo passou a ser visível e reconhecido pela comunidade universitária.

Essa intervenção inicial criou condições para um desenho de como poderia se efetivar o acolhimento aos estudantes. A escuta individual em que o aluno procura um técnico para o relato de uma queixa continuava mantido e nas situações mais complexas essa escuta envolveria outro técnico ou docente e que poderia ser escolhido pelo demandante. As conversas de acolhida eram discutidas nas reuniões semanais e nas situações complexas, as decisões eram tomadas em equipe. Nas urgências, a coordenação era acionada e avaliava se havia necessidade de reuniões extraordinárias. Os técnicos faziam as anotações referentes a prática profissional e nos casos mais específicos que requeriam o envolvimento de outras instâncias, eram elaborados relatórios.

O que se observou foi que o trabalho dos técnicos passou a seguir um fluxo, o que contribuiu para a apropriação da função exercida e do território institucional. Isso resultou no fortalecimento da equipe e na transparência do trabalho que foi, aos poucos, percebida tanto pelos estudantes quanto pelos técnicos de outros setores e também pelos docentes.

As ações e os resultados passaram a ser divulgados para o *campus* em canais institucionais como nas reuniões. Na Comissão de Ensino de Graduação (CEG) eram solicitadas pautas permanentes para a apresentação de questões discutidas pela equipe as que representavam grau de relevância para a comunidade acadêmica. Foram realizados contatos com os coordenadores de curso e eixo com o propósito de apresentar os novos direcionamentos do NAE, sendo abertos espaços nas reuniões semanais para discussão de casos por eles identificados. Iniciou-se também um movimento de aproximação de professores e técnicos de outros setores que se mostravam mais sensíveis às questões estudantis, bem como àqueles que realizavam projetos de pesquisa ou extensão relacionados a temáticas envolvendo o estudante universitário. Alguns técnicos passaram a contribuir com a equipe em situações que referentes a sua expertise, por exemplo, técnicos da área de Terapia Ocupacional e de Educação Física, que contribuíram com a equipe em diferentes momentos.

O trabalho em equipe ampliou o empenho e o esforço coletivo para a realização de atividades na comunidade acadêmica e para ela. A conversa com os docentes passou a ser direta e menos hierarquizada, como historicamente vivenciada pelo grupo de técnicos educacionais. Essa partilha das histórias dos estudantes passou a ser levada aos coordenadores e demais professores demonstrando ser o caminho mais efetivo, uma vez que se somavam outros olhares para o acolhimento em questões que antes eram tratadas exclusivamente pelo NAE e passíveis de punições administrativas.

Durante essa gestão nenhum novo processo administrativo foi aberto em qualquer instância institucional e os processos que estavam em andamento foram revisitados, analisados em conjunto e novos caminhos de solução surgiram. Todas as situações ou conflitos eram tratados primeiramente no âmbito do núcleo; os casos mais complexos estiveram presentes às coordenações dos cursos e, quando cabível, à direção do *campus*. Mesmo diante das ocorrências mais complexas e delicadas, a equipe escutava os envolvidos, numa primeira ação de acolhimento, com o intuito de trazer à tona os diferentes elementos da situação.

A equipe contava com bolsistas BIG que antes da nova gestão desenvolviam ações com os técnicos de forma individualizada. Com os novos direcionamentos, a coordenação passou a contar com dois bolsistas que também passaram a propor ações de responsabilidade coletiva envolvendo todos os técnicos e estudantes. Com a entrada do olhar do estudante na equipe, algumas demandas que antes eram compreendidas como individuais foram ampliadas e outras de caráter coletivo, ficaram restritas ao ambiente acadêmico.

Foram realizadas palestras e rodas de conversa envolvendo temáticas como: saúde mental e suicídio; racismo no ambiente universitário; ansiedade; adoecimento psíquico; concurso de fotografias sobre o ambiente universitário; cuidando do ambiente universitário, dentre outras. Em boa parte dessas ações, além da participação efetiva dos bolsistas e dos técnicos desde a organização do evento à certificação contou-se também com a parceria de profissionais do *campus* e da comunidade.

O aumento da compreensão do estudante sobre a sua relação com a universidade e com o território repercutiu em inquietações que culminaram na aposta de uma mudança da perspectiva de apoio. Retomou-se o conceito de sofrimento por Cassell (1982) e tomaram-se as concepções de território e rede para sustentar a construção de ferramentas que auxiliassem no processo de

trabalho. Tal iniciativa visava ao apoio ao estudante, considerando a demanda ou seu sofrimento, em relação de interação com as dimensões que compõem sua subjetividade, as suas relações afetivas, ao território em que ele está inserido, aos espaços que ele ocupa, enfim, à rede em todas as esferas e condições relacionais – e também materiais – que constroem o território existencial único de cada estudante.

Apesar de o ponto de partida ser a expansão para o cuidado por uma ótica que abrangia as relações que se davam no ambiente universitário considerando-se que é nesse contexto que está o NAE onde os estudantes estão inseridos no momento de uma transformação abrupta pela entrada na universidade, recorreu-se à busca por espaços que pudessem atuar na articulação ou no fortalecimento de uma rede de apoio ao estudante por apostar na possibilidade do ambiente da universidade como um espaço de acolhimento.

Terceiro passo: Encontrar com a cidade

Apostando na capilaridade da rede da assistência existente na Baixada Santista e entendendo que uma das facetas da transformação no contexto de vida dos estudantes é a mudança de cidade, fato confirmado pela análise de ingressantes que identifica maioria residente em região fora da Baixada Santista, pensou-se em expandir as ações intramuros. Assim, partiu-se para a exploração do território da cidade de Santos, considerando que a busca por outros espaços permitiria mudanças na relação estabelecida entre os estudantes, o território da cidade e os locais ocupados por eles; além de possibilitar o apoio em dimensões que se estendem para além do ambiente universitário.

Para tal, foi realizado o reconhecimento dos serviços, equipamentos, organizações, instituições existentes na cidade, levando-se em conta as contradições socioeconômicas presentes no contexto santista e seu reflexo na relação dos estudantes com os territórios que passam a ocupar. Assim, entendemos que se fazia necessário realizar o mapeamento desses pontos de apoio com vistas a congregar, instrumentalizar e facilitar o acesso a essas informações.

Pensando ainda no atendimento às necessidades cotidianas acesso aos serviços de saúde e assistência social; aos espaços de cultura; lazer e convivência; feiras e pontos de mobilidade urbana organizamos os achados em categorias que pudessem dialogar com a realidade dos estudantes.

Quarto passo: Conhecer para construir rede

Pensar na universidade como um espaço de acolhimento foi o primeiro passo do trabalho. Partiu-se da ideia de que se poderia construir, dentro do território circunscrito pelo *campus*, uma Rede de Apoio ao Estudante (RAE). Pensava-se, com essa proposta, expandir as ações de apoio ao estudante a partir da formação de parcerias com projetos de extensão nas áreas de cultura, saúde e educação. Em um segundo movimento, buscou-se entender o território e suas potências como possibilidades a serem incorporadas em uma rede ampliada de atenção ao estudante.

Construindo uma rede de apoio no *campus* - Vivenciando a RAE no NAE

Foi realizado, inicialmente, um mapeamento dos projetos que poderiam compor esse cuidado ampliado ao estudante, utilizando-se o Sistema de Informações de Extensão (SIEEX) da Unifesp. Em seguida, foram realizados contatos com os coordenadores dos projetos para explicação da proposta da criação da rede. Os projetos foram analisados em conjunto buscando-se pontos de intercessão com a proposta inicialmente pensada pelo NAE. Buscava-se, com isso, conhecer os espaços que propiciavam o convívio para além das atividades acadêmicas. Diversos projetos confluíram-se com a proposta, tanto no primeiro ano de construção da rede, em 2017, quanto na sua expansão no ano seguinte.

Na primeira etapa, a estruturação da RAE consistiu em categorizar os projetos em três grandes eixos de trabalho que foram apoiados nas divisões já existentes no SIEEX: Cultura, Saúde e Educação.

A partir da análise das ações presentes no *campus*, percebeu-se que os objetivos das propostas congregavam-se nesses eixos, de modo que os projetos de saúde se voltavam para ações em promoção, prevenção e comunicação visando à melhoria da qualidade de vida dos estudantes; o eixo de Educação compreendia as ações de compartilhamento de conhecimento, de apoio e de incentivo às práticas inseridas em diferentes contextos das profissões – muitas vezes pouco exploradas no currículo da graduação– e os projetos de Cultura reuniam as propostas voltadas ao contato com a arte, o esporte e o lazer. O quadro, a seguir, apresenta a evolução dos projetos identificados em 2017 e 2018.

Tabela 1. Quantidade de projetos de Extensão que compuseram a Rede de Apoio ao Estudante

Áreas	2017	2018
Cultura	01	02
Educação	04	04
Saúde	06	07
TOTAL	11	13

Fonte: Elaborado pelas autoras de acordo com levantamento dos dados do site da PROEX (2017-2018).

A RAE interna efetivou-se a partir das necessidades que apresentavam e pela importância de implicação do *campus* no atendimento das diferentes demandas pelo NAE. A participação de profissionais parceiros do núcleo tornou-se realidade e diferentes casos foram tratados envolvendo diferentes atores. Destaca-se a colaboração de um técnico terapeuta ocupacional especializado em saúde mental e do grupo de residentes que se somaram à equipe nos atendimentos, contribuindo para uma escuta mais qualificada e decisões mais assertivas. Essa participação contribuiu para o aprendizado do grupo, uma vez que os atendimentos demandavam análise do caso e essas poderiam ser feitas a partir de diferentes perspectivas, tanto no exercício da profissão como para a ampliação da análise da queixa e do sujeito que a trazia.

Essa parceria interna também atingiu a formação da equipe. Uma professora pesquisadora de substâncias psicoativas realizou várias rodas de estudo e conversas com o grupo de técnicos em diferentes momentos, sendo também estabelecidas parcerias tanto para discussão dos casos que chegavam ao núcleo quanto para a criação de um grupo de trabalho ampliado que pudesse interferir na política de acolhimento dos estudantes do *campus*.

Inúmeras iniciativas foram criadas a partir do mapeamento e o que se observou foi uma maior aproximação do NAE com os diferentes setores e projetos do *campus*, possibilitando ao grupo entender melhor o seu papel na instituição e à instituição e comunidade acadêmica, conhecer os limites e potencialidades de atuação do núcleo.

Construção da Rede de Apoio Externa (RAEX)

Em uma segunda etapa, o foco do trabalho foi construir um eixo externo ao *campus* levando a RAE para a identificação de parcerias e potencialidades existentes no território compreendido na cidade de Santos. Buscou-se, desse modo, transformar a cidade em um território de redes em que se articulassem propostas que contemplassem diferentes dimensões da vida e que propiciassem a ocupação dos espaços pelos estudantes. Tal movimento permitiria o estabelecimento de uma relação dos alunos com o território a partir de uma reciprocidade em que um é transformado pelo outro e vice-versa.

O primeiro passo foi o mapeamento dos serviços, organizações culturais, espaços públicos e outros locais condizentes com a proposta, enquadrando-os em oito grandes categorias: Saúde - Sistema Único de Saúde (SUS); Serviços de Valorização da Vida; Assistência Social; Educação; Organizações e Instituições de Atendimento Aberto; Espaços de Convivência e Visitação; Praças, Parques e Feiras e Mobilidade Urbana. Essas categorias foram assim organizadas por englobarem, de maneira ampliada, as demandas e necessidades que surgissem diariamente no cotidiano dos estudantes e na vivência universitária.

O levantamento resultou em uma rede complexa de serviços para fornecer ao universitário um mapa da cidade onde ele residia ou havia escolhido para residir e/ou estudar. A proposta desse espaço organizado era apresentar novas e diferentes possibilidades para inserção e ocupação do

espaço da cidade.

O mapeamento foi concluído em 2018 com a reorganização de algumas categorias—Educação, Organizações e Instituições de atendimento aberto por entendermos que apresentavam serviços e espaços com propostas semelhantes. Alterou-se o nome da categoria de “Espaços de Convivência e Visitação” para “Espaços de Arte, Cultura e Convivência”. Os serviços que compunham a categoria de Saúde SUS, foram organizados por nível de atenção, houve a atualização dos endereços e telefones, além da inclusão de todas as feiras livres e postos do serviço de mobilidade urbana como “Bike Santos”.

Para melhor adequação da nomenclatura adotada, foi criada a Rede de Apoio Externa (RAEX), sendo essa adaptada para o formato digital, pensando-se na melhoria da utilização da rede tanto pelos técnicos do NAE, pela comunidade do *campus* quanto pelos estudantes.

O resultado desse mapeamento geográfico em meio virtual deu origem a um mapa interativo da cidade, contendo os pontos de inserção na rede e o acesso às informações do que era fornecido em cada um desses espaços:

Figura 1. Representação da Rede de Apoio Externa (RAEX)



Fonte: Elaborado pelas autoras com o uso da ferramenta *Google My Maps* (2018). Disponível em: https://www.google.com.br/maps/d/u/0/edit?mid=1_k7gunTpEOBEvgCflw8KYRzD4i0Aj7t5&usp=sharing.

O motivo principal de elaboração e organização da rede externa foi construir uma proposta de cuidado que não estivesse pautada em uma posição passiva do estudante, tampouco uma postura assistencialista por parte da universidade. Acreditava-se que o uso do território para a formação de redes permitiria a apropriação desse recurso pelo estudante, além de configurar novos modos de estar e ocupar o espaço da cidade em que ele se forma, como profissional, para um dia atendê-la.

Quinto passo: Instrumentalizar e ativar redes

Conforme descrito no item 3.4, a RAE interna e a RAE externa passaram a ser usadas pela equipe sempre que fosse identificada uma necessidade de formação ou de acolhimento específico. O material referente aos projetos internos ao *campus* era consultado cotidianamente e nos casos

de necessidade de se estabelecer parcerias, essas eram definidas nas reuniões de equipe. Nesses momentos também eram definidos os profissionais que representariam o núcleo e a forma de abordagem do potencial parceiro.

Os atendimentos muitas vezes demandavam orientações e encaminhamentos para diferentes aparelhos que envolviam a cidade. O acesso do material elaborado foi facilitado, pois as consultas poderiam ser feitas mesmo durante os atendimentos e, em alguns casos, os recursos eram apresentados aos estudantes que poderiam, a partir dali, acessá-los de qualquer lugar.

Essa iniciativa contribuiu para ações mais qualificadas e assertivas do núcleo, bem como uma melhor aproximação e apropriação da cidade, pelos alunos.

Sexto passo: Movimentar redes de apoio

Considerando o primoroso trabalho de articulação das redes em seus eixos interno e externo, percebe-se uma mudança quanto ao significado de “apoio”. De um lugar de encaminhamento de demandas, para a abertura de possibilidades de desbravamento do território existencial e geográfico do estudante e da cidade. É notório que esse processo é resultado de um esforço coletivo em repensar o acionamento de redes como passo fundamental na sustentação do sujeito. E esse raciocínio, embora pareça simples, não é.

Essa mudança só se fez possível a partir da compreensão da existência dos indivíduos – e do sofrimento que emerge no contexto universitário – pela ótica da interrelação das dimensões que compõem cada vida. Daí a aposta em um apoio integral ao estudante universitário que contemple as necessidades de modo dinâmico, resultando em um trabalho que olhe os sujeitos para além de sua queixa.

Considerações Finais

Na prática cotidiana, observa-se que, em muitas situações, os núcleos de apoio são vistos como os locais depositários dos problemas dos estudantes e nos quais se espera soluções adequadas, rápidas e efetivas. Essa era a ideia que circundava entre os técnicos quando do início da implantação da nova proposta. Ao ocuparem esse lugar eles podem ter sido levados a assumir comportamentos compatíveis ao que deles era esperado, mesmo que inconscientemente.

Antes da implantação da proposta que consistia em lançar um novo olhar para as teias que se constroem no cotidiano institucional os técnicos não se sentiam pertencentes ao espaço universitário nem ao próprio trabalho. O núcleo tinha assumido a identidade de receptáculo e armazenamento das queixas dos estudantes, entendendo que para ser reconhecido como bom profissional seria necessário apresentar soluções rápidas, mesmo que para isso representasse punição. As discussões e reflexões realizadas demonstraram os limites dessas ações, uma vez que o resultado equivalia a expropriação do trabalho e um endossamento dos aspectos punitivos institucionais.

Pela compreensão do sentido de “apoio” e pela opção do “cuidado”, a equipe passou a compreender a sua condição de objeto na trama das relações institucionais assumida até então. Passou a reconhecer a importância do cuidado mútuo para dele surgir o cuidado com os estudantes. Foi fundamental a descoberta de que quando se confrontavam com um determinado problema, ele vinha justaposto por diferentes camadas imbricadas com muitas histórias e representações e, frente a isso, tornava-se necessário entender os aspectos que os envolvia para assim chegar ao seu conteúdo fundante. Esse era um processo lento que requeria diferentes olhares e soluções muitas vezes também lentas.

A adesão à nova proposta foi significativa especialmente porque a equipe sentiu na pele as consequências dos limites da forma adotada anteriormente. No processo de construção da nova proposta percebeu-se que seriam necessários no núcleo mais colaboradores e profissionais. A nova metodologia de trabalho era participativa, estruturada no cotidiano e funcionava a partir da experiência de cada um e do grupo. Os problemas passaram a ser discutidos durante as reuniões semanais de forma transparente e acolhedora, descartando a necessidade de respostas rápidas,

bem como de busca e punição dos culpados. Ao contrário disso, as soluções teriam o tempo requerido e seriam de responsabilidade coletiva; os atores e a instituição seriam envolvidos, os processos registrados e as soluções comunicadas, respeitando-se o sigilo.

A RAE foi parte das estratégias de ação/intervenção do projeto do Nae/BS nos anos de 2017-2018 e ancorou o desejo de se criar um instrumento concreto voltado para o acesso aos serviços da rede de assistência, saúde, educação, bem como a espaços de convivência, lazer e produção de cultura que pudessem atender a necessidades da comunidade acadêmica. Pretendeu-se, ainda, fixar formas outras de conviver, habitar a cidade e reinventar a vida a partir do espaço universitário e o território em que se estabeleceram, ainda que temporariamente. Esse instrumento ofereceu recursos para a equipe inicialmente conhecer as potências de apoio ao trabalho presente na própria universidade, bem como possibilitou um conhecimento mais ampliado do SUS e da rede auxiliar no município de Santos.

A proposta de trabalho aqui descrita teve uma duração de dois anos. Após esse período a equipe ficou sem uma coordenação por cerca de quase um ano. Entretanto, foram mantidas as reuniões semanais e a utilização dos instrumentos de apoio e da rede criada. Isso indica dizer que a proposta afetou os profissionais envolvidos, possibilitando-lhes novas experiências de trabalho em equipe e novas formas de se pensar o cuidado, o apoio aos estudantes e a eles mesmos.

Ao encerrar este trabalho, vislumbramos uma ação futura com outras ferramentas e estratégias. Com isso, pode-se afirmar que se um dia foi possível, será possível em outro momento também.

Referências

BASAGLIA, Franco. **A instituição inventada**: relato de um hospital psiquiátrico. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1985.

BRASIL. Ministério da Educação. **Portaria Normativa nº 39 de 12/12/2007**. Institui o Programa Nacional de Assistência Estudantil - PNAES. Brasília: 2007

BRASIL. Presidência da República. **Decreto nº 6.096 de 21 de abril de 2007**. Institui o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais - REUNI. Brasília: 2007.

BRASIL. Presidência da República. **Decreto nº 7.234 de 19 de julho de 2010**. Dispõe sobre o Programa Nacional de Assistência Estudantil – PNAES. Brasília: 2010.

BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 12.711 de 11 de agosto de 2012**. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Brasília: 2012.

CASELL, Eric. The Nature of Suffering and the Goals of Medicine. **The New England Journal of Medicine**, v.306, .11, p.639-645, 1982.

NÚCLEO DE APOIO AO ESTUDANTE (UNIFESP/BS) – Gestão 2017-2018. Google My Maps, 2018. **Rede de Apoio Externa: RAEX**. Disponível em: https://www.google.com.br/maps/d/viewer?mid=1_k7gunTpEOBEvgCflw8KYRzD4i0Aj7t5&ll=-23.95340700000001%2C-46.343925799999965&z=14.

KINKER, Fernando Sfair. Um olhar crítico sobre os projetos terapêuticos singulares. **Caderno Terapia Ocupacional. UFSCar**, São Carlos, v. 24, n. 2, p. 413-420, 2016

LEÃO, Thiago Marques; IANNI, A M Z; GOTO, C S. Individualização e sofrimento psíquico na universidade: entre a clínica e a empresa de si. **Revista Humanidades e Inovação** v.6, n.9, v.2, 2019. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/1250>.

MERHY, Emerson Elias. O ato de cuidar: a alma dos serviços de saúde. *In*: BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão do Trabalho e Educação na Saúde. Departamento de Gestão da Educação na Saúde. **Ver-SUS Brasil**: caderno de textos. Brasília: Ministério da Saúde, p.108-137, 2004.

UNIFESP. Universidade Federal de São Paulo. **Regimento da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE)**. São Paulo: 12 Setembro 2014. Disponível em: <https://www.unifesp.br/reitoria/prae/institucional/prae/regimentos>.

UNIFESP. Universidade Federal de São Paulo. **Regimento do Núcleo de Apoio ao Estudante (NAE)**. São Paulo: 15 Setembro 2014. Disponível em: <https://www.unifesp.br/reitoria/prae/institucional/prae/regimentos>.

Recebido em 23 de março 2022.
Aceito em 12 de janeiro de 2023.